

Pressão social

(Eduardo Ochs)

Eu passei boa parte da minha vida sem o menor interesse por manifestações e passeatas, por não entender porque e como elas funcionavam. Depois eu entendi como elas funcionavam, e nos últimos tempos, aqui mesmo no PURO, comecei a ter que lidar com situações nas quais as manifestações possíveis não funcionavam — e nem princípios morais, nem argumentos, e nem mesmo votações.

Imagine que você tem um grupo dominante que está trabalhando pelo “progresso” — na verdade por uma determinada noção de “progresso” — e que considera que não pode nem prestar atenção nos outros (pra não se distrair). Aí este grupo dominante começa a ver os outros como “baderneiros” e “subversivos”, e começa a criar mecanismos para que os argumentos destes outros não sejam ouvidos — ou sejam aparentemente ouvidos, mas sejam ignorados — para que as votações contrárias à sua noção de “progresso” sejam anuladas, etc... e como as instituições formais — a Justiça, por exemplo — funcionam devagar e este grupo trata os detalhes burocráticos como sendo mais importantes e “reais” que os seres humanos, ele acaba conseguindo que a máquina burocrática funcione a seu favor. A minoria não importa porque ela passa a ser vista como feita de *incompetentes que não sabem lidar com as regras do jogo*.

Como prevenir que se crie uma situação destas? E, uma vez que ela esteja criada, como desfazê-la? *Como dialogar em situações em que o diálogo se tornou impossível?*

Estamos cercados de espaços sociais que deveriam permitir o diálogo, mas nos quais um diálogo real é difícil ou impossível — e nos sentimos *incompetentes* neles. Em alguns poucos destes espaços há claramente um “grupo dominante” que criou a situação, mas na maior parte deles esta situação se criou praticamente sozinha e não há culpados.

Em conversas com pessoas próximas podemos “falar mal dos outros” mais ou menos livremente; em conversas com pessoas menos próximas temos que ser mais cuidadosos, em espaços como reuniões temos que ser *bem* mais cuidadosos, e em textos por escrito em fóruns públicos temos que ser *extremamente* cuidadosos com o que dizemos — para não sermos processados por difamação e calúnia.

Somos ensinados que é anti-ético falar mal dos outros — e que nem podemos fazer isto em público — mas acredito que na situação atual, em que estamos cercados de absurdos e de impunidade e não sabemos o que fazer com isso, nós *precisamos de mais conversinhas de corredor!* Porque falar dos outros é, bem ou mal, um modo de discutir o que achamos certo e errado, de checar se os nossos colegas perceberam os fatos da mesma forma que a gente, e se eles se incomodam com as mesmas coisas que a gente. E quando

conversamos com nossos colegas mais próximos sobre algo que achamos absurdo as nossas impressões sempre se transformam: algo que no início poderia parecer ser só uma grande irritação aos poucos vai adquirindo argumentos e se transformando em uma discussão sobre princípios... *Incômodos* se transformam em *idéias*, que passam a poder ser discutidas com colegas menos próximos; aí estas idéias se refinam ainda mais, e passam a poder ser discutidas mais publicamente — em algum momento até em espaços oficiais, como reuniões, e por escrito, em postagens para fóruns de discussão na internet, blogs, e em cartas para órgãos deliberativos da universidade.

Precisamos de mais discussões por escrito — e o modo de chegar a isto é começar com mais discussões entre pessoas próximas a nós. A maior parte das atitudes absurdas em torno de nós não podem ser facilmente atacadas porque não há “provas concretas” contra elas, ou elas são difíceis de conseguir... nós estamos costumados a pensar que a polícia vai nos defender, e que processos podem ser abertos — mas na verdade a polícia e a justiça são só para os casos extremos, em que as partes não conseguem chegar sozinhas a acordos. *Como podemos fazer a nossa parte e nos defendermos por nós mesmos dos absurdos em torno de nós?* Uma resposta: *pressão social*. Agir de forma absurda tem que se tornar algo *feio*, que faz com que a pessoa agindo mal seja malvista. Temos que aprender a expôr publicamente, por escrito, porque certas atitudes em torno de nós são absurdas; e para sermos eficazes nisto não podemos nos limitar a legalismos — precisamos discutir princípios, e um bom modo de fazer isto é analisar as conseqüências das atitudes que nos incomodam.

A maior parte das decisões absurdas que são tomadas na universidade e que nos afetam são feitas por pessoas que se expõem muito pouco — o que há de registros por escrito do que elas pensam é ínfimo, tipicamente poucas linhas em atas de reuniões. Se recriarmos o hábito de discutir e escrever poderemos cobrar delas coerência entre o que elas dizem e o que elas fazem, e poderemos até fazer com que se torne feio elas se exporem tão pouco... e além disso nós aprenderemos a nos expressar e a nos defender melhor, e a proteger as nossas pessoas mais queridas.

Numa situação com tantos problemas e tão poucos recursos como a nossa eu acredito que não dá mais para considerarmos que o mais “ético” é nunca falarmos dos outros. Pelo contrário: temos que aprender a pensar mais sobre as conseqüências a curto, médio e longo prazo do que fazemos, e a encontrar os melhores modos de pensar e discutir tudo em torno de nós.



Mais textos em:

<http://angg.twu.net/chapa1.html>

Chapa 1 - PURO - 2011